

Sujeito na psicanálise

o ato de resposta à ordem social

Patrícia do Prado Ferreira-Lemos

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

FERREIRA-LEMONS, PP. Sujeito na psicanálise: o ato de resposta à ordem social. In: SPINK, MJP., FIGUEIREDO, P., and BRASILINO, J., orgs. *Psicologia social e personalidade* [online]. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais; ABRAPSO, 2011, pp. 89-108. ISBN: 978-85-7982-057-1. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this chapter, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste capítulo, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de este capítulo, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

Sujeito na Psicanálise: O ato de resposta à ordem social

Patrícia do Prado Ferreira-Lemos¹

A noção de sujeito na Psicanálise emerge nas elaborações do psicanalista francês Jacques Lacan. Não há esta formulação na obra de Sigmund Freud, embora Lacan tenha cunhado o termo exatamente a partir da obra freudiana ancorando-se, especialmente, em suas experiências clínicas.

O sujeito aparece na obra de Lacan dando o estatuto ao *façasse* (Lacan, 1975), isto é, ao “indivíduo empírico que se submete à experiência e a instância que se deduz da mesma experiência, instância suposta ao saber inconsciente, ao inconsciente como saber” (Askofaré, 2009, p.166). O que isso quer dizer? Que o sujeito sobre o qual se ocupa a Psicanálise é, antes de tudo, o sujeito pensado a partir da concepção do inconsciente e é exatamente este ponto que marca a principal diferença entre as elaborações da Psicologia das da Psicanálise. Ao formular este conceito (esta era uma das maiores preocupações de Lacan) aponta o fato da primeira se apoiar nas elaborações da consciência e, portanto, do eu, enquanto que a segunda se refere a uma constituição que considera o inconsciente. Para Sidi Askofaré (2009), Lacan contesta a não historicidade do sujeito e abre uma perspectiva para a articulação entre estrutura e história. A historicidade do sujeito não é o norte na Psicanálise, mas os significantes são marcados pela história e compõem o inconsciente que é estrutural.

As elaborações sobre sujeito que existiam antes da formulação da qual nos ocupamos não permitiam que o sujeito pensado do modo como concebido pela Psicanálise fosse apreendido. Certamente, o que marca esta principal distinção é que na concepção anterior, de origem filosófica, o

sujeito é identificado como o sujeito da consciência, representado, sobretudo pelo cogito cartesiano “Penso, logo sou”. A elaboração está muito mais atrelada àquele que tem consciência de seus atos, consciência de si. Lacan propõe especialmente no texto *Subversão do sujeito e dialética do desejo* (1960/1998) um sujeito para-além da consciência, a partir do reconhecimento da estrutura da linguagem no inconsciente.

Buscamos formular neste texto a concepção lacaniana do sujeito consciente e do sujeito do inconsciente percorrendo especialmente as dimensões do imaginário e do simbólico, fundamentais para a sustentação da ideia. Entretanto, vale aqui ressaltar que Lacan posteriormente desenvolveu o para-além do simbólico, o campo do gozo, ao qual não nos ateremos nesta exposição.

O outro em mim

O encontro com a teoria freudiana é o ponto de partida para a construção lacaniana sobre o imaginário. Após quatro anos desta aproximação inicial com a teoria psicanalítica – que ocorre no momento da construção de sua tese em psiquiatria intitulada *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade* (1932), – sabe-se que Lacan discursa sobre o “estádio do espelho”, no XIV Congresso Psicanalítico Internacional em Marienbad em 1936, na antiga Tchecoslováquia, mas não há um texto transcrito deste momento. Esta elaboração é, reconhecidamente, a mais notável de Lacan sobre o conceito de imaginário.

Dois anos depois, Lacan (1938/1997) desenvolve sobre o “complexo de intrusão”, indicando-o como palco de conflito nas relações intersubjetivas. Neste complexo, a rivalidade de um irmão no nascimento do outro é causa de angústia para o irmão mais velho, que se interroga sobre o lugar que o irmão por vir ocupará no desejo da mãe, no desejo do Outro. Existe, entretanto, uma dualidade de sentimentos, pois há “identificação imaginária”, também presente na relação que se estabelece, como veremos, a partir do estágio do espelho com seus semelhantes, os outros. Relação tão

¹ Bolsista pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

conflituosa que Freud (1927) descreve como uma das três principais fontes de angústia que atravessam o sujeito.

Posteriormente, a formulação sobre o estágio do espelho é novamente apresentada na comunicação realizada em Zurique, na Suíça, dando origem ao texto *O estágio do espelho como formador da função do eu* (1949/1998).

O estágio do espelho condiz com o momento em que o bebê – entre os seis e dezoito meses de vida – percebe pela primeira vez sua imagem refletida no espelho, concebendo uma unificação do corpo através da imagem de si ou do outro:

o estágio do espelho é um drama cujo impulso interno precipita-se da insuficiência para a antecipação – e que fabrica para o sujeito, apanhado no engodo da identificação espacial, as fantasias que sucedem desde uma imagem despedaçada do corpo até uma forma de sua totalidade que chamaremos de ortopédica – e para a armadura enfim assumida de uma identidade alienante, que marcará com sua estrutura rígida todo o seu desenvolvimento mental. (Lacan, 1949, p.100).

Assim, este momento de imagem refletida no espelho, marca a separação do *Innenwelt* com o *Umwelt*, o mundo interno e o mundo externo. O mundo interno será agora apropriado através de identificações com o mundo externo, que lhe serão oferecidas por aquele que ocupa o lugar de Outro, isto é, por aquele no qual encontro a minha representação. Aqui, desvela-se a necessidade de se ser mediatizado pelo desejo do Outro, afinal é o Outro quem diz “você é este no espelho”, marcando o destino do sujeito. O sujeito se reconhece no espelho através do Outro, instaurando-se o eu, desde sempre narcísico, e será a imagem refletida, o eu ideal, base das identificações que acompanharão o sujeito daqui por diante. Fixa-se uma imagem mental do eu que acarreta o seu fado alienado, como coloca Lacan:

É essa imagem que se fixa, eu ideal, desde o ponto em que o sujeito se detém como ideal do eu. O eu, a partir daí, é função de domínio, jogo de imponência, rivalidade constituída. Na captura que sofre de sua natureza imaginária, ele mascara sua duplicidade, qual seja, que a consciência com que ele garante a si

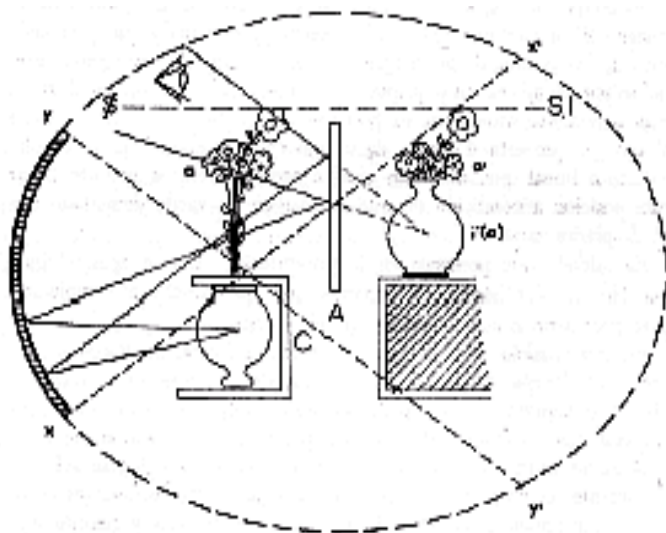
mesmo uma existência incontestável (...) não lhe é de modo algum imanente, mas transcendente, uma vez que se apoia no traço unário do ideal do eu (...). Donde o próprio ego transcendental se vê rivalizado, implicado como está no desconhecimento em que se inauguram as identificações do eu (Lacan, 1960/1998, p.823).

A criança irá se identificar com este objeto fixo que se mostra com uma aparência unificada, mais semelhante à ideia que tem de seus pais ou de seus cuidadores, que lhe parecem muito mais capazes, poderosos e coordenados que ela. É também neste momento que a fala do Outro parental como “boa menina”, “menino de ouro”, “filha má” é internalizada. A imagem que reflete no espelho acompanhada do discurso do Outro e que, portanto, é estruturada linguisticamente, compõem o que a criança percebe como seu eu (*self*). O eu será preenchido por imagens ideais e, certamente, terá outras imagens agregadas ao longo da vida (Fink, 1998):

Na realidade, é a ordem simbólica que realiza a internalização das imagens especulares e de outras imagens (por exemplo, imagens fotográficas), uma vez que é essencialmente devido à reação dos pais a tais imagens que elas se tornam carregadas de interesse ou valor libidinal aos olhos das crianças (*Ibid.*, p. 57).

Em *Observação sobre o relatório de Daniel Lagache* (1960/1998), Lacan utiliza a ilusão do buquê invertido de Bouasse para mostrar de maneira analógica a relação do eu com o outro e a incidência do imaginário e do simbólico.

Esquema do buquê invertido



As imagens ópticas apresentam diversidades singulares – algumas são puramente subjetivas, são as que se chamam virtuais, enquanto outras são reais, a saber, sob certos prismas, se comportam como objetos e podem ser tomadas como tais. Muito mais singular ainda – esses objetos que as imagens reais são, podemos dar as suas imagens virtuais. Nesse caso, o objeto que é a imagem real toma, e devidamente, o nome de objeto virtual (Lacan, 1953-1954, p.93).

No experimento do buquê invertido um espelho esférico produz uma imagem real, uma vez que cada ponto de raio luminoso que emana de um ponto qualquer de um objeto colocado à determinada distância, preferencialmente no plano central da esfera, irá corresponder ao mesmo plano, por convergência dos raios que são refletidos sobre a esfera. É este processo que dá ao objeto uma imagem que se pode considerar real. Aqui, o buquê é colocado escondido dentro de uma caixa oca, enquanto o vaso está sobre ela. Com a projeção das imagens na superfície esférica tem-se a forma da imagem real, que é a do buquê dentro do vaso. Trata-se, logo, de

um buquê imaginário, isto é, de uma impressão da realidade. É desta mesma forma que o eu se constrói, com a imagem que vê refletida no espelho, ou seja, a partir de imagens virtuais que o representam.

Žižek (2006) coloca que é como se tratasse de um rolo de filme preso. A imagem especular congela o movimento, somente dando visibilidade à imobilidade. Logo, esse olhar imaginarizado só permite ver os objetos de forma petrificada. O olhar não só mortifica os objetos como constitui um ponto congelado de não movimento.

Antônio Quinet (2004), em *Um olhar a mais*, ressalta no pensamento de Lacan exatamente a relevância do olhar no estágio do espelho, indicando que o olhar em questão é o do Outro, o olhar que a criança busca e que ao se cruzarem – o olhar da criança e do Outro – tornam-se um só olhar, razão para júbilo. O espelho no qual a criança se vê é o Outro e são as respostas desse Outro, ideal do eu, que dão forma ao eu ideal. Assim, ao ter o Outro como seu endereçamento – aquele que vê – e o gozo em ser visto, temos o par da pulsão escópica: o voyeurista e o exibicionista.

O entendimento de imaginário em Lacan, em 1949, rompe com os sentidos dados anteriormente pela Filosofia de Platão a Spinoza, onde se acredita que o imaginário é o que nos leva ao engano, colocando-o em relação com o que é ilusório; a concepção poética relaciona-o ao irreal, mágico ou místico e o sociológico, concebe-o enquanto aquilo que faz parte de um coletivo, imaginário próprio de cada cultura. Lacan quebra com essas três ideias e retorna à ideia do imaginário relacionado à imago, a *gestalt*, que é o que está implícito *Morphè* (forma) de Aristóteles, que considera a imagem como uma representação mental de um objeto.

A primeira elaboração do estágio do espelho prepondera na obra de Lacan por quase duas décadas, mas este estatuto será revisitado a partir do momento em que o simbólico torna-se extremamente relevante, marcado pela Conferência de 1953, que abordamos nesta segunda parte.

O inconsciente estruturado como uma linguagem

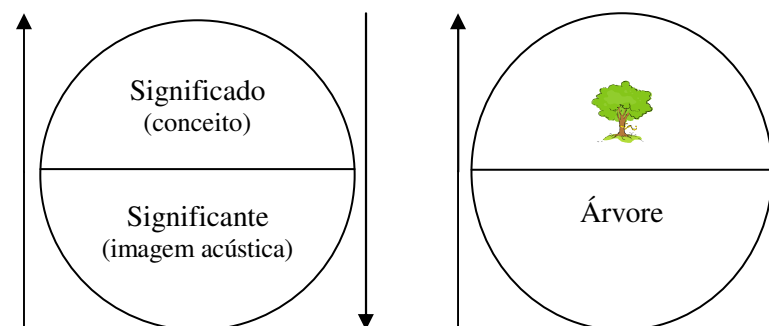
Em seus artigos *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (1953/1998) e *A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud* (1957/1998), Lacan aborda as formulações acerca do inconsciente estruturado como linguagem, entrelaçando com as ideias dos linguistas Ferdinand Saussure e as de Jakobson – especialmente em *A instância da letra*. Tal proximidade, por sua vez, marca o retorno à própria obra freudiana, que naquele momento encontrava-se, predominantemente, relacionada à Psicologia do eu e às teorias pós-freudianas. Neste sentido, a abordagem lacaniana continua seu trabalho de ênfase no descentramento freudiano da consciência enquanto origem da subjetividade. Da mesma forma que, enfatizando a causalção lógica, rompe com as concepções sobre o sujeito marcadas pelo empirismo, mentalismo e substancialismo – ou seja, das teorizações da ciência, da sociologia e da filosofia, conforme expusemos na primeira parte do texto.

A afeição de Lacan pelo estruturalismo é um duplo movimento que o inflexiona tanto de volta a Freud quanto, em certo sentido, rumo a uma nova investidura teórica.

Lacan formula, assim, a sua construção do inconsciente estruturado como uma linguagem, e para retomá-la abordamos, tal como o fez, a elaboração de Saussure acerca do significante.

Na explicação do linguista, o signo é definido a partir da relação entre significado e significante, ou seja, a partir de uma relação entre o conceito e a imagem material acústica, o som. O significante, deste modo, irá atender à função de bancar o significado, escrito por um algoritmo marcado pela elipse que simboliza a unidade estrutural do signo e por uma barra, que indica a resistência à significação:

No *Curso de Linguística Geral* (1916/2006, p.81) há a seguinte representação que, sabemos, não foi de sua autoria, mas de seus alunos que organizaram o livro:



Existe nesse algoritmo (S/s) – que trata do signo linguístico – a indicação de setas que recomendam uma relação de reciprocidade e associação. Os dois elementos são combinados, um responde ao outro.

Lacan (1957/1998) acredita que sustentar essa ideia – de que o significante atende à função de representar o significado – é uma ilusão, pois de acordo com o psicanalista, as coisas não podem fazer mais que demonstrar que nenhuma significação pode se sustentar a não ser pela remissão a outra significação. Não existe uma significação em si, fechada e recíproca, pois “não há língua existente à qual se coloque a questão de sua insuficiência para abranger o campo do significado, posto que atender a todas as necessidades é um efeito de sua existência como língua” (*ibid.*, p. 501). Deste modo, Lacan inverte o S, algoritmo da linguística e escreve:

$$\frac{\text{significante}}{\text{significado}} \quad \text{ou} \quad \frac{\text{S}}{\text{s}}$$

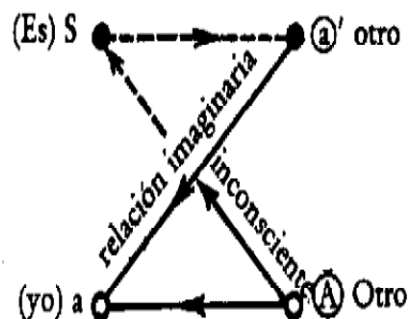
Propondo assim, a relação significante/significado, justificado pelo fato de que existe uma primazia do significante, que é produzido de acordo com sua articulação a outros significantes, não em associação a um significado:

$$\frac{\text{S}}{\text{S}^1, \text{S}^2, \text{S}^3... \text{S}_n}$$

E é a partir dessa sua construção que se pode dizer que Lacan está afirmando que o significante é material, mas não uma substância. Uma combinatória entre significantes arranja o que em Psicanálise se conhece por cadeia significante, isto é, da articulação de $S^1 - S^2 - S^3 - S_n...$ emerge esta cadeia:

No campo freudiano, apesar das palavras, a consciência é um traço tão caduco, para basear o inconsciente em sua negação (...) O inconsciente, a partir de Freud, é uma cadeia de significantes que em algum lugar (numa outra cena, escreve ele) se repete e insiste, para interferir nos cortes que lhe oferece o discurso efetivo e na cogitação a que ele dá forma (Lacan, 1960/1998, p.813).

Em *O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, Lacan (1954-1955, p.307) apresenta o esquema L. Trazemos aqui este esquema para que possamos entender melhor como o significante (a relação simbólica), é fundamental para a constituição do sujeito e, por consequente, para as relações que estabelece com o Outro e o objeto:



Neste esquema, que obedece também às regras estruturalistas, é indicado que a construção do eu (a) é imaginária – como vimos. Entretanto, o esquema L está também amplamente relacionado à construção simbólica, exatamente pela relação inconsciente existente entre o sujeito (S) e o Outro (A). O lugar do Outro deve ser entendido como o *locus* do simbólico, e portanto, como o *locus* dos significantes, inclusive dos significantes recalcados que retornam ou não para o sujeito. O discurso do Outro – que nos diz Lacan

ser exatamente o que define o inconsciente – só chega ao sujeito fragmentado, em pedaços, simbolizado no esquema pelo pontilhado, pela falha. Isso acontece exatamente porque esse discurso é atravessado pela relação imaginária, como vemos na figura. A relação imaginária mascara a relação simbólica.

No esquema está inscrito o circuito do significante partindo do Outro, no entanto, ocorre que é o sujeito que recebe do Outro a sua própria mensagem invertida. Isso faz Lacan afirmar que o sujeito do qual estamos tratando é o sujeito não em sua totalidade, mas em sua abertura. “Como de costume, ele não sabe o que diz. Se ele soubesse o que diz não estaria aí. Ele estaria ali, embaixo, à direita” (Lacan, 1954-1955, p.307). Não saber o que diz está associado a sujeição do sujeito à linguagem, ou melhor, ao muro da linguagem. Assim, o sujeito que não sabe o que diz, torna-se, em sua relação especular, o a (eu) e é exatamente por isso que se pode dizer que o sujeito tem um eu (*Idem*).

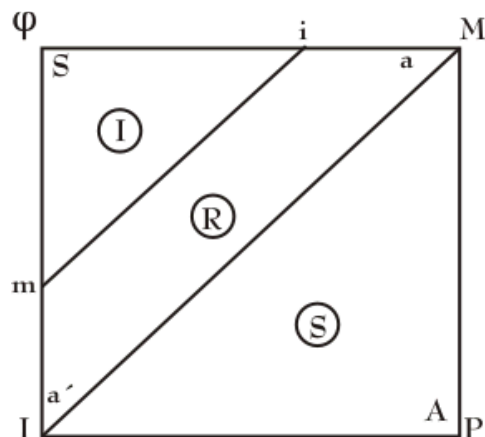
A situação do sujeito é caracterizada pelo lugar que ele (sujeito) ocupa no mundo simbólico, na sua fantasia do desejo do Outro. É desse lugar no simbólico que dependem a relação do imaginário e do real e, consequentemente, a própria constituição de mundo do sujeito. Lacan diz que “o homem passa pela experiência de que se vê, se reflete e se concebe como outro que não ele mesmo – dimensão essencial do humano, que estrutura toda a sua vida de fantasia” (Lacan, 1953-1954, p.96).

Quinet nos ajuda a compreender este ponto ao dizer que o espelho tem a função de um anteparo ao inconsciente, uma barreira que “o imaginário do olho da consciência é uma cortina à determinação simbólica” (Quinet, 2004, p.130). Portanto, o sujeito não é senhor em sua própria morada, como nos advertiu Freud. O sujeito está sempre referenciado ao Outro, à deliberação simbólica que o constitui, à imaginarização que o permite enxergar o mundo e ao real, do qual só é possível sentir seus efeitos:

A economia imaginária não nos é fornecida no limiar de nossa experiência, não se trata de uma vivência inefável, não se trata de procurar uma melhor economia das miragens. A economia imaginária só tem sentido, só podemos influir nela, na medida em

que se inscreve numa ordem simbólica que impõe uma relação ternária (Lacan, 1954-1955, p.320-1).

O esquema R, apresentado por Lacan em *De uma questão preliminar* (1958/1998) complementa os dois esquemas (L e Buquê), demarcando onde se encontra a realidade (R). Como se pode perceber, a realidade está situada no espaço correspondente a $a-a'$, isto é, ao eixo imaginário do esquema L.



Esquema R

Lacan demonstra um triângulo correspondente ao simbólico (S) – tendo I (ideal do eu), M (mãe ou significante do objeto primordial) e P, como a posição do Outro (A) no Nome-do-Pai – e um quadrilátero correspondente ao campo da realidade, delimitado por M, i , m e I, onde se tem i e m como representante dos termos imaginários da relação narcísica: o eu e a imagem especular. Lacan afirma que a escolha das letras não foi por acaso, pois mi e MI ocupam o mesmo lugar topológico, o que nos permite dizer que a topologia da realidade é dada como uma banda de Moebius, pois no lugar que se aparenta ter duas bordas, tem-se uma só. A metáfora da banda de Moebius sugere, igualmente, que ideal do eu, significante do objeto primordial, eu e imagem especular participam de uma mesma espiral, sendo que um conecta-se ao outro, age com o outro, dando origem à realidade do sujeito, a partir da extração do objeto a , que é exatamente o que fornece seu enquadre.

O objeto a vem em resposta à questão do desejo do Outro, do que quer ele de mim. O sujeito responde a esta questão, colocando-se enquanto objeto causa de desejo do Outro, o que dá o aparato para pintar a sua realidade, sendo o suporte de todas as suas causas, o que delega ao sujeito uma condição inerente de passividade frente ao objeto. Aqui, o objeto a tem esta função de resposta a uma questão, mas ele está também relacionado à dinâmica do simbólico e do real, tanto que aloja no nó borromeo – topologia lacaniana que, grosso modo, articula as três estruturas – no lugar de encaixe dos três elos, onde o buraco de um conjuga-se com o buraco do outro.

Žižek (2007) utiliza-se de uma piada para explicar esse funcionamento que tentamos elucidar. A piada é de um louco que acredita ser um grão de milho. Ele fica um longo tempo em tratamento e um dia recebe alta por estar totalmente curado. A família comemora a sua recuperação. Um dia, o então “ex-louco” encontra-se com uma galinha e corre para se esconder debaixo da cama. A mãe, assustada, pergunta por que ele se escondeu se já não é mais um grão de milho e então, ele responde “eu sei, mãe, mas será que a galinha sabe?”. Para Lacan (1958) tanto na psicose como na neurose a condição do sujeito depende da relação que estabelece com o Outro (A). Assim, surge a questão “O que sou eu aí?”, onde o sujeito encontra-se no lugar de sua inefável e estúpida existência, tendo como objeto os outros (objetos ou ele mesmo) e o Outro como lugar onde se pode colocar a questão de sua existência. “O que a galinha quer de mim?”, é a pergunta que o louco se faz.

O sujeito se aliena, portanto, nos significantes da demanda e é neste sentido que podemos considerá-lo enquanto efeito, uma resposta à ordem simbólica.

Sujeito do enunciado e o sujeito da enunciação

Por certo, a exposição que precede esta parte do texto é importante para que possamos, finalmente, nos atermos propriamente à questão do sujeito na Psicanálise. Como colocado, existe uma preocupação por parte de Lacan em marcar uma diferença entre as concepções da Psicanálise e às da

psicologia do eu. Este é o ponto de partida da elaboração do conceito e, com efeito, também nossa preocupação neste momento.

Entretanto, torna-se fundamental reforçar, como o fez Luciano Elia em 'O Conceito de Sujeito' (2007), que Lacan afirma "o sujeito sobre o qual operamos em psicanálise não pode ser outro que não o sujeito da ciência". Isto significa, diz Elia, que na Psicanálise operamos sobre um sujeito e que na ciência há um sujeito sobre o qual a ciência não opera, embora se aproprie dele. Não se opera na Psicanálise sobre uma pessoa humana, aí se situa a subversão própria à Psicanálise, no sentido de ter criado condições para se operar com o sujeito:

Que o sujeito sobre o qual opera seja o sujeito da ciência, segundo uma fórmula em vias de tornar-se um refrão, não quer dizer nada além de que a invenção da psicanálise, bem como seu exercício e sua transmissão, são determinadas pelas condições do discurso (Askofaré, 2009, p.174).

Lacan define o sujeito do enunciado como um *shifter*, aquilo que designa o sujeito enquanto ele fala naquele momento (Lacan, 1960/1998, p.814). O sujeito do enunciado é também aquilo que definimos como eu, que emerge de uma ideia de imagem unificada, de uma dimensão que se coloca a partir do equívoco provocado pela imagem no espelho, pelo mal-entendido. O "eu" é construído a partir destas imagens e é representado pelo sujeito do enunciado, sendo, portanto, o lugar de onde o sujeito se relaciona com os outros (como vimos no esquema L), mas que está referenciado pelo simbólico e, portanto, a outra cena, que diz respeito ao lugar discurso do Outro, do inconsciente. O sujeito do enunciado designa o sujeito da enunciação, mas não o significa; todo significativo do sujeito da enunciação pode faltar no enunciado, além de haver os que diferem do [Eu] (Lacan, 1960/1998, p.814).

O sujeito do enunciado é o que está posto na concepção de sujeito no cogito cartesiano: *Cogito, ergo sum* ou "Penso, logo sou". A existência do sujeito cartesiano é efêmera, ele é toda vez que diz para si que pensa. O pensamento para Descartes, que faz da dúvida seu método, é um processo

consciente, para a Psicanálise, quando o eu é o autor das ideias, o pensamento é entendido como racionalização. Na concepção lacaniana de sujeito não é possível ser e pensar, "penso onde não sou, logo sou onde não penso. (...) O que cumpre dizer é: eu não sou lá onde sou juguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não posso pensar" (Lacan, 1957/1998, p.521).

Essa divisão do sujeito entre eu e inconsciente marca sua estrutura e o define enquanto tal. O sujeito é barrado, como afirma Lacan e simboliza por S, para dizer desta divisão a partir de seu encontro com a linguagem, que o coloca na condição de efeito e de produção significante.

É assim que se dá, portanto o sujeito da psicanálise, da enunciação ou do inconsciente. Este sujeito não é pensamento, ele não é construído, não nasce e não se desenvolve (Elia, 2007). O sujeito da psicanálise é constituído, como vimos, a partir do campo da linguagem, do simbólico. Ele, o sujeito, só é possível exatamente porque entra na ordem social que quase sempre precede sua chegada e tem a família como porta de entrada (*ibid.*). É deste ponto que podemos pensar que a constituição do sujeito está atrelada ao campo social e isso é uma condição para sua existência enquanto tal.

É a partir da ruptura que coloca o sujeito na cultura que se dá não só a constituição como sujeito, mas também o institui enquanto humano. Isto que nos tira a natureza, nos marca enquanto faltantes, isto é, como seres vivos marcados pela falta no nível do ser. Como escreve Elia: "trata-se de uma condição que comporta algo de paradoxal: a falta é fundante do sujeito, mas, em contrapartida, requer o ato do sujeito para se fundar como falta" (Elia, 2007, p.48).

Além disso, sem o aparato do campo social o sujeito não sobrevive, pois, como se sabe, ele precisa do cuidado do próximo. Esta condição de necessidade do outro para a vida é o que Freud denomina de "desamparo fundamental". A qualidade de desamparado que necessita dos cuidados de um estranho é também o que faz emergir o Outro, que significa não só o cuidador, pessoa física, como também a própria ordem social que é

introduzida através deste que tenta amparar. O Outro que cuida é um ser de linguagem, que irá atender às necessidade específica de fome, por exemplo, mas que também trará o significante, a palavra.

É a partir desta relação que a necessidade (para a Psicanálise, trata-se de uma experiência mítica, pois nunca a experimentamos sem a mediação da linguagem) dá lugar a demanda – que introduz e é introduzida pelo Outro diante do qual a criança se situa. O bebê, portanto, demanda ao Outro aquilo que traz para atender a fome, mas também sua presença, seu amor. O bebê relaciona-se com este Outro capaz de trazer o objeto de sua necessidade e, deste modo, exclui o que poderia haver de natural no objeto da necessidade. Ao mesmo tempo em que se dirige ao Outro, o bebê é também impelido por algo, uma força, em direção a um objeto que não tem forma, mas que o impulsiona. Lacan denominou este objeto perdido no encontro com a linguagem, de objeto *a*. Este objeto é o que está por detrás de todo objeto com o qual o sujeito se relaciona, se firmando como objeto causa de desejo, isto é, o objeto perdido, a falta inaugural, é o que move o sujeito em direção aos outros objetos. Mas, claro, não é qualquer objeto que se faz interessante. Os objetos se tornam desejáveis na medida em que alguma característica significante se relaciona com a cadeia significante do sujeito.

Portanto, a trama do significante se dá neste encontro do sujeito com o Outro, assim como é deste encontro que sujeito e Outro passam a existir deste modo. Há aqui um significante primordial, que chamamos de S1, e que será condicional para a estrutura da cadeia significante do sujeito. Lacan (1960/1998) afirma que o Outro, como sítio prévio do puro sujeito do significante, ocupa a posição mestra antes mesmo de ter acesso a existência; o código do sujeito é o código do Outro, isto é, é do Outro que o sujeito recebe a mensagem que emite, como apontado no esquema L. É também a partir do desejo do Outro que se dá o desejo do sujeito: “é como Outro que ele deseja” (Lacan, 1960/1998, p.829). Assim, a pergunta que retorna para o sujeito, indicando o caminho para seu desejo, pode ser formulada como *Che vuoi?*, “que quer você?”.

Pois bem, diante do que expusemos enquanto constituição do sujeito e a sua diferença em relação ao eu, podemos finalmente entender o modo como a Psicanálise opera sobre o sujeito. Como inicialmente trouxemos, o conceito de sujeito remete-se à obra de Jacques Lacan, mas é a experiência clínica detalhada por Freud em sua obra, que permite a construção do conceito.

Se retomamos os escritos freudianos, encontramos em seus casos o que podemos entender como o sujeito do inconsciente, uma vez que emerge nos tropeços da fala, nos furos do discurso, isto é, nos lapsos da língua, atos falhos, chistes e até mesmo no sintoma. São os casos clínicos que apontam para este lugar, como podemos perceber no caso da Senhorita Elisabeth Von R., paciente de Freud.

Elisabeth chega a Freud diagnosticada como histérica, o que foi confirmado por ele e que acrescentou tratar-se de histeria de conversão. A paciente tinha 24 anos e apresentava, há mais de dois anos, dores nas pernas e dificuldades para andar. Na sua história de vida havia o cuidado com outras pessoas: seu pai havia ficado doente por 18 meses até a morte, sua mãe apresentava sérios problemas na vista e uma irmã mais velha havia morrido em decorrência de um problema cardíaco. Elisabeth era a caçula de três irmãs e possuía um laço terno estreito com os pais, especialmente com o pai, que costumava dizer que a filha ocupava lugar de filho e amigo. Isto a afetava, pois se mostrava descontente por ser mulher e tinha fantasias absolutamente ambiciosas para a época. Ela queria estudar e não se sentia inclinada em ocupar o lugar de esposa em um casamento. Foi durante este período da doença, que levou seu pai, que Elisabeth diz ter sentido, pela primeira vez, as dores descritas, tendo ficado um dia e meio de cama por isso. Entretanto, só dois anos depois do pai ter falecido que, de fato, ficou sem andar por causa das dores, principalmente no pé.

Posteriormente à morte do pai, ocorreram os casamentos de suas irmãs mais velhas. A primeira casou-se com um homem que parecia poder lhe oferecer uma boa vida, e o casal se mudou da cidade, fato que acarretou em um sentimento de desamparo em Elisabeth, especialmente porque se deparou com a impossibilidade de concretizar seu ideal de ter uma família feliz,

mesmo com a falta do pai. A segunda irmã também se casou, e ainda que com uma pessoa menos inteligente, possuía um comportamento em relação às outras pessoas que agradava muito à Elisabeth e sua família. Isto inclusive fez com que o casamento fosse visto com outros olhos pela paciente.

Toda a família de Elisabeth se reuniu em uma estação de veraneio para que ela descansasse dos exaustivos cuidados aos outros. Foi então que seus sintomas se instauram. Tempos depois, sua irmã – casada com o cunhado “dos olhos” de Elisabeth – que estava grávida, morre. Freud ouviu Elisabeth por um tempo, sempre atento às causas de seu sintoma e insistindo para que ela lhe dissesse tudo o que lhe passasse pelos pensamentos, sem se censurar. A partir desta técnica, da associação livre, chega ao esclarecimento do que provocara as dores em Elisabeth. O passeio à estação de veraneio é realmente o ponto central, pois ali, fica evidente, para Elisabeth, seu carinho e afeto pelo cunhado. Na ocasião da morte de sua irmã, no entanto, o pensamento de que ele agora estava livre e poderia se casar com ela, também lhe fora insuportável.

Assim, Freud considera que as dores de Elisabeth não tinham uma só origem. Elas decorriam de uma sucessão de eventos traumáticos, que se reuniam neste sintoma. A morte do pai lhe causara as dores que a estavam concentradas exatamente no lugar onde o pé de seu pai tocava suas coxas enquanto lhe cuidava. E, não conseguir ficar de pé (*to stand*), associava-se ao seu sentimento de desamparo, receio de “ficar só”, especialmente relacionado ao fato de não conseguir estabelecer uma nova vida à sua família, não conseguindo mesmo “dar um único passo à frente”. Em inglês, como apontado na nota de rodapé deste texto de Freud, o verbo *to stand* tem sua tradução como “erguer-se sozinha” ou “ficar de pé sozinha”. Freud associa a dor física à palavra falada, isto é, ao significante:

Em vista disso, fui forçado a supor que entre as influências que contribuíram para a formação de sua afasia, tiveram papel essas suas reflexões; não pude deixar de pensar que a paciente não fizera nada mais nada menos do que procurar uma expressão simbólica para seus pensamentos dolorosos, e que a encontrara na intensificação de seus sofrimentos. (...) Por conseguinte, essa

afasia, na fase de desenvolvimento que encontrei, devia ser igualada não só a uma paralisia baseada em associações psíquicas, mas também a uma paralisia baseada na simbolização (Freud, 1893-1895, p.176-177).

A histeria de conversão de Elisabeth nos diz de um excesso de simbolização que se escreve no corpo, lhe tirando a capacidade de caminhar. A paciente não aceitava seus pensamentos relacionados ao cunhado, recalando seu desejo, mas fazendo sintoma. Esta é a trama de real, simbólico e imaginário, é deste modo que, Elisabeth, o sujeito barrado relaciona-se com o objeto de seu desejo, o objeto *a*. A ideia insuportável de desejo pelo seu cunhado, da ordem do real, do furo, que é recalado, aparece de outro modo, no simbólico, se apossando do corpo, impedindo que Elisabeth fique de pé, e no imaginário enquanto a admiração fraternal por seu cunhado. Elisabeth é “prensada” por estas três dimensões, como os são todos os sujeitos:

Ao conceber a histeria como o encadeamento de “símbolos” (significantes) ou “ideias limítrofes” – “ideias patogênicas” ou “extravagantes” – que se apossam do corpo, Freud define a causal da histeria como “uma relação simbólica”. Na discussão do caso de Fräulein Elisabeth Von R., Freud afirma que a simbolização é meio caminho entre a autossugestão e a conversão, e que “a histeria restaura o significado original das palavras” (Freud 1893-5). Um sintoma histérico de dor precordial, por exemplo, pode corresponder à ideia não enunciada, ou melhor, enunciada no corpo: “apunhalou-me até ao coração” (Pollo, 2003, p.33).

É assim que vemos na clínica a emergência do sujeito do inconsciente, que irá se manifestar de uma forma efêmera, mas, com efeito. O processo de análise é o meio pelo qual se pode ter alguma referência do pensamento inconsciente, uma vez que a técnica da associação livre proporciona que o eu ceda lugar e que o sujeito do inconsciente “apareça”. É deste modo que a Psicanálise pode operar sobre o sujeito que emerge do simbólico.

Referências bibliográficas

- Askofaré, S. (2009). Da subjetividade contemporânea. *A Peste: revista de psicanálise e sociedade*. São Paulo: EDUC. 1 (1). 165-175.
- Elia, L. (2007). *O conceito de sujeito*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Fink, B. (1998). *O sujeito lacaniano: entre a linguagem e o gozo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Freud, S. (1996) *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Imago.
- _____. (1893-1895). *Estudos sobre a histeria*. vol. II.
- _____. (1927). *O futuro de uma ilusão*. vol. XXI.
- Lacan, J. (1932/1987). *Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade, seguido de Primeiros escritos sobre a paranoia*. Rio de Janeiro: Forense-universitária.
- _____. (1938/1997). *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1949/1998). O estádio do espelho como formador da função do eu. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1953/1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1953- 1954/1986). *O Seminário, livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1954-1955/1985). *O Seminário, livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1960/1998). Subversão do sujeito e a dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1960/1998). Observação sobre o relatório de Daniel Lagache. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1958/1998). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- _____. (1957/1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Pollo, V. (2003). *Mulheres Históricas*. Rio de Janeiro: Contra Capa.
- Quinet, A. (2002/2004) *Um olhar a mais: ver e ser visto na psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.
- Saussure, F. (1916/2006) *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix.
- Žižek, S. (2006). *Lacrimae Rerum – Ensayos sobre cine moderno y ciberespacio*. Buenos Aires: Debate.
- _____. (2007). *El acoso de las fantasías*. Buenos Aires: Siglo XXI Editores.